

COMO PROMOVER O DESENVOLVIMENTO?

Imagine um pequeno povoado no interior do Brasil, Nordeste. Uma área aproximada de 60 km². Por duas razões peculiares êsse povoado difere essencialmente de todos os outros: sua população, de 292 pessoas (56 famílias), é formada unicamente de pretos descendentes de escravos e suas terras, herdadas, pertencem legalmente aos habitantes.

Uma estrada, aberta recentemente, liga o povoado à sede do município. São 15 km, inúmeras vezes percorridos a pé pelos moradores.

Mas se a estrada diminuiu o isolamento físico, outros fatores mantêm o primitivismo dêsse pequeno mundo sem letras e sem recursos. Suas 72 casas, quase tôdas de taipa, estão espalhadas ao longo do rio Jordão — a única água corrente disponível e que divide as suas terras pelo meio. Não há fossas, as condições de higiene são precárias, a alimentação é elementar e pobre (farinha d'água, peixe sêco, arroz) e existem as doenças da região (verminose, impaludismo) na qual 264 crianças, em 1.000, foram dizimadas em 1967. Nas águas do rio não se lava somente roupa. É a mesma água de beber. E também os animais entram e saem. E os detritos orgânicos entram e não saem.

O povo vive da troca de produtos com os povoados vizinhos. Vendem farinha, galinhas, peixe. Sua "contabilidade" incipiente faz com que percam dinheiro de ano para ano, uma vez que não acompanham o aumento de preços e são explorados pelos intermediários. E também porque não dispõem de ferramentas nem de técnica melhor para incrementar a agricultura e a pesca que poderiam constituir uma base segura de sua economia.

Quando visitei o povoado, faz alguns meses, tudo isto foi se gravando nos meus olhos e um certo pêso ia crescendo dentro de mim. Mas não era uma gente triste. Parecia dona de uma irresistível confiança. Ou inconsciência?

A dúvida começou, para mim, quando uma criança chegou respirando forte a corrida de dez minutos e parou diante da cena que se enquadrava na objetiva da máquina.

— Môço, minha mãe quer que o senhor tire um retrato do maninho que morreu.

Não era bem assim que falou, mas lá fomos nós ao lado do padre que nos guiava e de dois ou três acompanhantes do próprio povoado.

Caminho fechado. Uns charcos. Cachorros dando o alarme. Tivemos que atravessar precariamente o rio Jordão, onde um grupo de homens, todos despidos, meio mergulhados na água barrenta, construíam uma pinuela. Era um mutirão que ocuparia o sábado inteiro.

Depois dêsses ziguezagues a paisagem se abre, surge um caminho melhor e a criança corre para avisar que o môço do retrato está chegando.

No meio da sala, em cima de um estrado, deitadinho, cobertinho, um fiozinho de gente. Ninguém estranha. Acontece muito. A novidade não é o morto, é a máquina. As crianças se juntam para sair no retrato. Olhos muito abertos — que ainda estão vivas.

— Quanto é? — pergunta a mãe com a alegria de quem descobriu tornar importante uma rotina.

E insistiu em pagar. O padre faz um sinal para que aceitássemos. Ela dá uma ordem e alguém nos entrega um saquinho. Dentro dêle quatro tomates colhidos na roça.

Outra vez duvidei do futuro daquela gente. Foi quando jantamos na tapera do Marcelino, um dos líderes do povoado. Um deu a galinha, outra família o arroz, outra o café e o açúcar. Estava bom, o mólho era suculento, o fogo de lenha havia dado um gôsto caseiro à comida tôda especial daquela noite. A lamparina de lampião ia de um lado para outro, conforme a necessidade.

Deu para ver que o Marcelino não estava comendo galinha. Tentei servir-lhe. Recusou.

— Não dá pra comer. Estou com o dedo do pé quebrado.

Pensei que era brincadeira. Afinal, galinha não se come todo dia. Que acontece, Marcelino, se comer?

— O dedo não cicatriza.

Os tabus alimentares são muitos. Já foram reunidos mais de cem. Alguns exemplos do que a mulher não pode comer durante a gravidez:

Resto de arroz que aderiu ao fundo da panela porque faz com que a placenta deva ficar encarcerada (prêsa ao útero sem sair após o parto). Não se pode comer frutas para que a criança não se crie grande. Também não deve matar cobra nem passar por cima: a criança nasceria com o pescoço mole. Se passar em cima de cabresto de cavalo a criança nasce com 12 meses. Não se come rabo de porco durante a gravidez: a criança nasce assanhada. Depois do parto não se pode comer criação fêmea para não ter mais filhos. Melancia, por ser fria, não se come quando se está engomando roupa.

Como ajudar um lugar destes? A tentação é a de modificar o mais rapidamente êsse quadro secular. Remédios em massa, alimentos, casas, implementos para a lavoura, uma indústria se possível. De certa maneira tem sido esta a *política* de ajuda, governamental ou eclesiástica.

De que adianta — ou até onde é fundamental — que se incentive e financie uma indústria de calçados no Nordeste, cujos técnicos vêm do sul e cujo produto é vendido no sul? A Aliança para o Progresso, já extinta, colocou dezenas de milhares de privadas numa região pobre do Nordeste; e quando um caboclo foi interpelado sobre o único uso que delas fizeram — a venda dos vasos — respondeu: para que a privada se a gente não tem o que comer?

Em Damásio — chamemos assim o povoado — a ajuda tem sido mais lenta e tudo indica que os resultados serão mais efetivos. A partir de 1966, Damásio passou a ser um dos pontos visados pelo trabalho de desenvolvimento. Procurou-se entender a mentalidade do povoado, suas expectativas, suas motivações e sua capacidade de trabalho. Nada se impunha nem se mostrava impaciência diante do primitivismo daquele mundo fechado. Fechado? Um padre resolveu morar entre os moradores durante seis meses e foi descobrindo as possibilidades e aberturas que existem a partir do simples despertamento para um trabalho em comunidade. Eles mesmos escolheram três áreas de ação: o saber, a lavoura e construção ou melhoramento das casas. Formaram três equipes, cujos líderes naturais surgiram. Nas reuniões semanais tomam decisões em comum, que executam com a participação de uma parte dos moradores (nem todos se convenceram do trabalho em equipe, mas começam a perceber os resultados).

Nesse momento — e sòmente aí — pequenas ajudas indispensáveis foram feitas. Transporte de telhas para as novas casas em construção (o tijolo é feito no local por êles mesmos), algumas ferramentas para a lavoura, veneno para matar as formigas, construção da escola e ajuda para pagar a professôra.

— Padre, já temos a escola pronta e agora queremos uma professôra.

— Quanto vocês podem dar para pagar o salário dela?

O salário era de cem cruzeiros novos. Trinta alunos. O grupo resolveu que os pais pagariam um cruzeiro por criança. Sacrifício. E grande. O restante teria que ser levantado. No primeiro mês um dos pais não pôde pagar. A própria equipe local de educação examinou o caso e resolveu excluir a criança da escola. Incomodados, procuraram o padre.

— Padre, resolvemos tirar a criança da escola. O que o senhor diz?

— Foi a equipe que resolveu isto?

— Foi, padre.

— Está bom. Vocês é que devem resolver.

No dia seguinte o pai veio trazer o dinheiro — e o filho continuou os estudos.

Não há paternalismo, como não há sentimentalismo. Uma exceção — e todo o longo processo de trabalho de equipe e de participação deixaria de ser a base de uma autopromoção indispensável na dinâmica de qualquer projeto de ajuda responsável.

Chegou-se, no entanto, ao *perigoso* limite entre o despertamento e as possibilidades do começo de um processo de desenvolvimnto da comunidade. Agora o povoado está maduro para receber algumas formas de ajuda sem se tornar dependente ou escravo dessa ajuda. Se o processo pára neste ponto, a confiança na autopromoção desaparece e os que ainda duvidam da forma comunitária de trabalho permanecerão nas suas casas em ruínas, na sua cegueira cultural, no mundo fechado do seu individualismo. Se as três áreas escolhidas para mudar a tradição de ignorância e de atraso — educação, lavoura e casas — forem incentivadas com uma ajuda efetiva, tôda a região será estimulada a lutar pelo seu próprio desenvolvimnto e um processo eficaz de promoção humana será implantado numa área onde, até agora, de modo geral, a ajuda tem sido mais um nôvo fator de escravização do que de libertação.

Quanto?

Talvez seja cedo para um projeto minuciosamente orçado. No momento trata-se de amparar uma experiência nova no campo da promoção humana: o que pequenos grupos poderiam fazer, vinte ou mesmo dez cruzeiros mensais de cada pessoa, durante um ano.

No Rio um desses grupos se organizou e as primeiras contribuições já seguiram. De *Damásio* vieram fotos mostrando a plantação de mandioca e as casas crescendo — tudo isto resultou das equipes comunitárias de trabalho. Que agora contam com alguns meios para enfrentar a natureza e para comprar ferramentas.

Minha dúvida não existe mais. Um dos lugares mais pobres deste país — a taxa per capita *anual* é de Cr\$ 264,00 — pode se levantar. Sem projetos artificiais e onerosos. Primeiro o despertar, depois a ajuda proporcional a esse despertar.

As conseqüências não serão apenas locais. A região terá um incentivo. Os órgãos de ajuda — nacionais ou internacionais, governamentais ou eclesiásticas — terão um modelo concreto de estudo sobre o processo de ajuda ao mundo subdesenvolvido. A participação será maior, mais espontânea, menos burocrática.

O verdadeiro projeto é aquele que surge quando o povo se descobre a si mesmo como "centro de referência".

Agora podemos ajudar o povoado de *Damásio*.